

Tão Longe e Tão Perto, de Nell Morato

Crítica literária

Wagner Ávlis.

Maceió, 02 outubro de 2025.

Crítica literária – *As cartas que mostram que, amando a distância, cada momento longe também é um capítulo na história dos amados*

| Wagner Ávliis

☼ **I. Introito**

Dos adolescentes às faixas etárias mais maduras, sobretudo agora com a informatização, é sabido que os relacionamentos a distância são um paradoxo: um paradoxo que ilustra a capacidade de os sentimentos transcenderem a barreira física e que, ao mesmo tempo, ilustra a fragilidade de arrefecerem sob a pressão do espaço geográfico. Mas o livro da poetisa gaúcha, Nell Morato, *Tão Longe e Tão Perto* (1ª ed. Porto Alegre: Leia Livros Editora, 2023, 94 págs.) se fia em exaltar a força dos afetos sobre o espaço, do conteúdo sobre o continente, demonstrando como a conexão emocional, quando recíproca, é profunda, intensa, mesmo quando a distância geográfica se impõe, e que, por ter ela mesma, a distância, como um teste para a solidez do amor, separa-se o que é passageiro e modista do que é permanente e genuíno, fazendo, com isso, a história dos amantes continuar a crescer, apesar da distância. A tese de *Tão Longe e Tão Perto* é demonstrar que o amor verdadeiro, com todo o seu apelo à biologia e à física, tem um quê de abstrato: ele não é definido pela proximidade física, e sim definido pela sintonia das almas, que a presença emocional se sobrepõe à ausência física, criando um vínculo que não se desfaz com a distância.

E se o leitor está achando, até aqui, que estou falando de um livro de não ficção (algum tratado sobre o amor, uma psicologia dos sentimentos) ou de uma prosa de ficção, enganou-se. *Tão Longe e Tão Perto* é **um livro de poemas** monostróficos, com versos compridos e prosaicos ao estilo “Poema em Linha Reta”, do poeta português Fernando Pessoa (1888-1935), organizados em uma unidade de temas em volta do assunto principal, que pode ser resumido à seguinte crença amorosa: cada vez que passa o tempo e vai-se superando, de pouquinho, o espaço, os amantes ficam mais longe de onde saíram e mais perto de onde vão.

☼ **II. A estilística da poetisa Nell Morato**

Em suas entrevistas e lives, Nell Morato assume abertamente que é aversa ao formalismo estruturante do poema, isto é, que não se limita a questões da forma, como as rimas, o encadeamento (enjambment), compasso, cadência, métrica, cesuras, recursos caros ao classicismo e, em boa parte, às poéticas de vanguarda. Nell defende e produz uma *poesia de fruição da expressão*, aquele tipo de poema que se preocupa mais com o dizer a coisa do que com a forma de dizer a coisa, e, nesse sentido, seu poema é mais intuitivo, orgânico, do livre pensar e do livre dizer, espontâneo como a inspiração que vem à cabeça, o que não quer dizer que é dito de qualquer jeito, tampouco que é incoerente (como algumas vezes nosso pensar é). Como poetisa, ela maneja os procedimentos linguísticos, gramaticais, redativos, com suas referências literárias no gênero lírico – e sim, tudo isso pode ser encarado como um cuidado com a forma, porém, ameno –, o que está mais ao modernismo atual em que há uma conjugação entre prosa e poema (prosa ou prosa poética), hibridismos, premissas dadaístas, o minimalismo criativo da poesia marginal com alguns categóricos do ultrarromantismo no que tange ao tema do amor.

Talvez, por essas características mesmas, os textos do seu recente trabalho fluam tão bem tanto se lidos como poemas, quanto como cartas amorosas, sendo de fácil leitura até mesmo para quem não é leitor de poesia, mostrando, em definitivo, o erótico como sua principal marca em poesia – erótico com a propriedade do termo, não o “hot” pornográfico que hoje se vê nos mais baixados do Kindle Unlimited ou nos mais lidos do Wattpad, mas o erótico com beleza refinada, como expressão do amor genuíno e recíproco. Para quem quiser conhecer mais dessa marca, elaborei uma crítica literária, há 4 anos, chamada **BALADA PARA OS APAIXONADOS – O SUBLIME E O ERÓTICO DAS PALAVRAS**, para o poema “Desejo”, do livro da mesma Nell, “FRAGMENTOS DE UM DESEJO” (Leia Livros, 2018), que o leitor pode conferir aqui:

<https://www.facebook.com/share/19kjWwbDM2/>

☼ III. O livro

Como fiz notar algures, *Tão Longe e Tão Perto* é um livro de poemas monostróficos, de uma prosa poética longa e altamente declarativa, que decanta o amor verdadeiro dentro de um relacionamento amoroso a distância, limitado, portanto; porém, estável, maduro, seguro. Tem como um eu-lírico uma mulher, não identificada, que verseja sua paixão arrebatadora por um homem, também não identificado, declarando-se de vários modos, do bucólico ao erótico, passando pela saudade ao sonho, para que seu amado saiba do grau dessa paixão e, assim, reafirme a sua paixão por ela, na esperança de que um dia o casal vença as lonjuras, unindo-se em definitivo. Outrossim, uma coisa que chama a atenção é o modo como a mulher poematiza suas declarações ao homem. Já que essas declarações são poemas monostróficos com pitadas da prosa poética, essa estrutura textual parece sugerir, no subentendido, que esses poemas são **correspondências da mulher enviadas ao homem distante**, ou seja, cartas pessoais de amor. No entanto, essa estrutura de carta não está explícita nem no livro como um todo, nem em nenhum poema em particular; ela está embutida, e um dos trabalhos dessa crítica analítica é justamente lançar luz sobre as nuances da obra, revelando ao leitor lados outros, mais arrojados, da criatividade do artista e do seu livro. Mais à frente voltarei a esse quesito da estrutura de carta embutida.

Os poemas de *Tão Longe e Tão Perto* estão divididos em 3 grandes blocos:

■ ① **O amor e o tempo** (pp. 10-54) → são poemas otimistas, contemplativos, reflexivos acerca do amar a distância, de como o tempo influi sobre os amantes, dos obstáculos e sua superação, além de um mergulho na subjetividade do eu-lírico que vai despindo-se de seus segredos, como em “Meu Coração”, “Minhas Lembranças”, “Escrevo em Poesia”.

■ ② **A dor** (pp. 56-72) → esse bloco é o completo oposto do primeiro e do terceiro, é uma sequência de poemas pessimistas, de teor niilista, uma angústia do eu-lírico, não porque haja alguma crise na sua relação com seu amante, e sim por causa da saudade que a lonjura impõe, do receio de um dia não mais ter o amado, de notar a escassez de amor no mundo. Esse bloco-2 é peculiar porque, como contraponto aos blocos-1 e 3, ele presume-se emular a realidade de quem vive o amor concreto (e não o amor utópico), ou seja, emula “o lado obscuro do amor”, pois quem vive o amor, não vive somente em brancas nuvens e sobre mares cor-de-rosa, vive também adversidades, inseguranças, crises, e esse bloco é o marcador dessas adversidades subjacentes a quem permite relacionar-se.

❏ **3 Natureza selvagem** (pp. 74-90) → é a sequência dos poemas eróticos, muitas vezes oníricos, do eu-lírico para com seu amado, como uma extensão do bloco-1. É a parte mais tátil, corporífica, orgânica e sinestésica do livro, servindo-se como catarse contra as sensações aziagas do bloco-2.

☼ IV. Os poemas como cartas

Retomando agora a questão de que os poemas do livro surtem efeito de cartas enviadas, mas que sua estrutura de carta não está explícita e sim embutida, as principais pistas que o eu-lírico deixa entrever são:

● **A dedicatória:** a epígrafe diz que o livro “reúne versos em homenagem ao homem que despertou [no eu-lírico] sentimentos adormecidos (...)” (p. 07). Esse homem homenageado funcionará, durante o desenrolar dos poemas, como um destinatário, um receptor das mensagens, uma vez que será constantemente convocado nos versos como se ele pudesse ou estivesse a lê-los.

*Os versos chegarão ao amor da minha vida
Que vive numa distância de um imenso intervalo* (p. 11 – “Tão Longe e Tão Perto”).

*Amado amante,
Sinto o desejo inebriante
Que deixa meu corpo inerte
Queimando* (p. 50 – “Quero-te”).

*Teu cheiro...
Em partículas perfumadas
De ardente êxtase,
Amado amante* (p. 87 – “Teu Cheiro”).

● **Estrutura monostrofica e o vocativo:** monostrofe ou “estrofão” é um poema todo corrido que começa e termina em uma só estrofe. Essa estrutura se assemelha à da prosa, com exceção da ausência de recuo do parágrafo, e, no caso do livro em questão, servirá como uma prosa poética que terminará, por sua vez, insinuando seu aspecto epistolar. Uso “insinuando” porque, visivelmente, os poemas não contêm a estrutura de uma carta, a saber, “local”, “data”, “saudação”, “despedida”, “assinatura”, portanto, por esse viés estrutural, não há carta alguma, mas como os gêneros textuais são fluidos e intercambiáveis, ainda mais sob a licença poética da lírica, muito de seu teor vário pode ser impresso em um gênero específico, como aqui, no caso do gênero poema; quero dizer, em suma, que os poemas do livro em apreço possuem traços de uma carta, apesar de não conterem sua estrutura, e por isso seu embutimento e a não óbvia identificação com o gênero. O traço epistolar que mais se sobressai, além da monostrofe com prosa poética, é o vocativo, que é quando a emissora dos versos interpela, evoca ou se dirige diretamente ao seu receptor, demonstrando uma função fática da linguagem.¹

¹ A função fática da língua preza pelo canal da comunicação, concentrando-se em verificar se a conversação, o diálogo, a atenção estão abertos e ativos entre o emissor e o receptor, garantindo que a mensagem seja transmitida e recebida corretamente.

Nascemos um para o outro,
Você foi feito para mim,
Enquanto eu fui moldada para você.
Um homem e uma mulher,
Dois seres tão diferentes,
E tão iguais na essência,
Vivendo tão distantes
(...)
E diz que eu sou mais do que suficiente
Para mim, para você, para nós. (p. 27 – “Eu e Você é Igual a Nós”).

2022, um novo ano onde faremos diferente,
O amor já criou raízes em nossos corações,
Não importa a distância que nos separa.
Planos, parceria de amor ao mundo,
Estímulo e apoio profissional,
(...)
Faremos boas lembranças do nosso amor.
(...)
Eu te amo, querido,
E vou te amar por toda a minha vida! (p. 49 – “Promessas de Amor”).

Sinto muito, meu amor.
Depois do paraíso, logo depois, o inferno veio e me levou...
Cuide-se! (p. 75 – “Amor entre o Paraíso e o Inferno”).

● **Poema-rascunho:** chamo particularmente aqui de “poema-rascunho” uma primeira versão de um poema reaproveitada em um outro poema. O eu-lírico do livro escreve duas vezes o mesmo poema, com algumas pequenas variações, conotando que esses dois escritos são o esboço um do outro, como era muito comum no manuscrito de cartas em que se procedia, antes da redação final, a um borrão. O eu-lírico deixa esse rascunho propositalmente à vista do seu destinatário (e, claro, do leitor), a fim de mostrar-lhe que se deu ao trabalho de escrever duas vezes a mesma “carta”, reforçando, com isso, a importância dessa mensagem. Por questão de espaço, não reproduzirei aqui os dois poemas; limitar-me-ei a citá-los, para que o leitor os confira. No caso, são os consecutivos poemas “A Poesia do Amor” (p. 12) e “Quem Sou?” (p. 13).

● **Alusão a um manuscrito anterior feito para o amado:** o poema “Amor à Primeira Vista?” (pp. 16-17) diz:

*Eu disse que trocava mil dias do meu tempo de vida
Por um único dia com você,
Um dia de amor imenso,
(...)
Pois sou sua amada amante para sempre,
Assim como te amarei para sempre e eternamente* (versos 18-20 e 40-41).

Pois bem, o verso alusivo “eu disse que...” não é uma recordação de cena, de um episódio ou de uma conversa que a mulher tivera com seu homem em algum lugar físico; é uma recuperação de um trecho de um manuscrito antigo que a mulher fez para o homem, uma citação textual, que reforça a sensação de que tanto o escrito aludido como o escrito que alude são cartas enviadas. No caso, o trecho mencionado no poema “Amor à Primeira Vista?” pertence ao último poema do livro, o poema “Um Dia Apenas” (pp. 89-90), note:

*Doarei mil dos meus dias inúteis
Para ter um dia ao seu lado,
Numa paixão mútua somando 24h.
(...)*

*Nosso amor em sua plenitude poderá existir eternamente,
Assim compensará a mediocridade de uma vida inteira* (versos 03-05 e 28-29).

Agora compare em paralelo os trechos do poema “Amor à Primeira Vista?” – que chamarei de (A) –, com os trechos do poema “Um Dia Apenas” – que chamarei de (B):

(A). *“Eu disse que trocaria mil dias do meu tempo de vida”*
(B). *“Doarei mil dos meus dias inúteis”*

(A). *“Por um único dia com você,”*
(B). *“Para ter um dia ao seu lado,”*

(A). *“Um dia de amor imenso,”*
(B). *“Numa paixão mútua somando 24h”.*

(A). *“Pois sou sua amada amante para sempre,
Assim como te amarei para sempre e eternamente”*
(B). *“Nosso amor em sua plenitude poderá existir eternamente,
Assim compensará a mediocridade de uma vida inteira”*

No efeito final da coesão e da coerência dos poemas, é como se o último poema do livro fosse a primeira carta enviada, para, muito depois, o conteúdo de “Amor à Primeira Vista?” ter sido entregue ao seu destinatário, aludindo à primeira carta; a última foi a primeira, e a primeira foi a última, e a mulher não teria citado, na última, a primeira, se obviamente não a tivesse enviado ao homem a primeira carta. Isso também explica a interrogação do título, “Amor à Primeira Vista?”, uma pergunta retórica, pois, como aqui ficou demonstrado, não tem nada de primeira vista naquela declaração, uma vez que essa mensagem deste poema é muito posterior à primeira correspondência; tudo o que primeiro aconteceu, aconteceu na primeira carta enviada (em “Um Dia Apenas”), e não nesta.

✿ V. Análise do poema “Quero-te” (pp. 50-51)

Por uma questão de extensão, optei por tomar um trecho de um dos poemas mais breves do livro, que está contido no bloco-1, “O amor e o tempo” (pp. 10-54), aquele bloco de poemas otimistas, contemplativos, reflexivos sobre o afeto.

(...)
37. *Tua boca na minha*
38. *Tuas mãos no meu corpo*

39. *Tua boca voraz em meu pescoço*
 40. *E no meu rosto...*
 41. *Tuas mãos apertando meu corpo*
 42. *E... nosso encontro no paraíso...*
 43. *Todos os dias e para sempre.*
 44. *Amo-te.*

Há um embalo ritmante atraente nesse trecho. Dos versos 37-41 há uma permuta entre pronomes possessivos

tua \neg minha | tuas \neg meu | tua \neg meu

Como sabemos, o pronome “tua(s)” indica a posse de outrem e que está espacialmente longe, enquanto os pronomes “minha/meu” são a posse do ser que fala, e que portanto está espacialmente perto. Esse embalo, em si, mimetiza o título do livro *Tão Longe e Tão Perto*, mas, indo além dele, temos no revezamento desses possessivos **um movimento pendular para o movimento dos corpos dos amantes**, demarcando não só a cena visual, como, também, o ritmo frenético da sensualidade: boca com boca (v. 37), mãos com corpo (v. 38), boca com pescoço e boca com rosto (vs. 39-s), mãos com corpo (v. 41). Esse movimento pendular, de ida e vinda, dos corpos, pode ser ilustrado assim:



O referido conjunto de versos (37-41) compõe uma sequência de cena mais carnal, mais lasciva, e, no entanto, em contraponto a ele, segue-se outro conjunto de versos (42-44), que evoca uma cena mais cultuosa, mais sagrada, a partir da evocação do termo “paraíso” (v. 42). A sacralidade — que se opõe ao lascivo — é evocada por termos que sugerem a eternidade celestial:

paraíso \neg todos os dias \neg para sempre \neg amo

A propósito do trecho (43-44), que diz

43. *Todos os dias e para sempre.*
 44. *Amo-te.*

note-se, de igual modo, uma leve semelhança com os versos finais da estrofe no poema do Ofício da Imaculada Conceição²:

(...)
agora e sempre,
e sem fim,
amém.

(Ofício da Imaculada, estr. 1, v. 11).

A poetisa pareceu fazer ali uma intertextualidade entre os versos finais do seu poema com os versos finais de um poema sacro, aproximando, ao fim, a palavra “amo-te” da palavra “amém”, executando uma bonita paronomásia:

Agora e sempre, e sem fim, amém.

Todos os dias e para sempre.
Amo-te.

² O Ofício da Imaculada Conceição é originariamente, em latim, um poema sacro nas formas fixas de ode, hino e canção. Foi composto no século XV pelo teólogo e poeta franciscano Bernardino de Bustis (1450-1513), na Itália, tornado oração e trazido para o Brasil pelos jesuítas.

Essa intertextualidade com um poema sacro só veio reforçar o aspecto da sacralidade do trecho final da Nell. Então, em todo o trecho aqui transcrito, tem-se o seguinte esquema dos versos:

37.
38.
39. *PROFANO*
40.
41.
=====

42.
43. *SAGRADO*
44.

Os versos de cima (37-41) são **os movimentos corporais profanos**, enquanto os versos de baixo (42-44) são **os movimentos corporais sagrados**, e estes últimos, que não evocam mais o movimento pendular dos versos de cima, agora insinuam outro tipo de movimento, **o movimento ascendente para o movimento dos corpos dos amantes**; esses corpos querem subir, querem transcender a carne, o tempo, o espaço, querem, unidos, ascender à eternidade, e por isso o movimento ascendente desses corpos pode ser ilustrado assim:



No conjunto geral, os dois movimentos do trecho — o **pendular (profano)** e o **ascendente (sagrado)** — podem ser ilustrados assim: ●_●●^●. Descidas e subidas, portanto. A perfeita ilustração da dinâmica e da mecânica do sexo humano, das altas e baixas do amor, das idas e vindas de uma relação a distância, da lógica de estar, ao mesmo tempo, tão perto e tão longe de quem se ama e por quem se é amado.

✿ VI. Concluindo

Os mais recentes poemas de Nell Morato são uma catarse romântica e vêm como arautos do sentimentalismo contra um tempo de descrédito no amor legítimo, mais ainda contra toda uma opinião pública de que relações a distância, webnamoro, relacionamentos virtuais são farsas destinadas ao rápido término. Eles também são uma revalorização do gênero e do clima emotivo das cartas pessoais, que outrora reinavam soberanas entre os enamorados. E, a cada mensagem amorosa, a cada carta poética enviada de *Tão Longe e Tão Perto*, a saudade, a carne, o tempo e o espaço vão sendo superados, e os amantes ficam mais longe de onde saíram e mais perto de onde vão.